



A tríade fé, terra e água dos acampados do açude de Jaramataia-AL: desvendando a mística festa de São Pedro no território pesqueiro

The triad faith, land and water of the campgrounds of the dam of Jaramataia-AL: unveiling the mystique feast of São Pedro in the fishing territory

Hillary Ranny de Farias Gomes⁽¹⁾; Matteus Freitas de Oliveira⁽²⁾;
Felipe Santos Silva⁽³⁾

⁽¹⁾Discente do Ensino Médio Integrado ao Técnico em Agroindústria do Instituto Federal de Alagoas, IFAL/ *Campus* Batalha, hillary_farias1000@hotmail.com, membro do grupo de pesquisa Desenvolvimento e Sustentabilidade no Sertão de Alagoas;

⁽²⁾Professor de Geografia do Instituto Federal de Alagoas – IFAL/ *Campus* Batalha, mestre em Geografia (UFBA), matteusfreitas@gmail.com, membro do grupo de pesquisa Desenvolvimento e Sustentabilidade no Sertão de Alagoas;

⁽³⁾Professor de Geografia do município de Arapiraca-AL, especialista em Geo-História, pesquisador do Grupo de Estudos e Pesquisa em Análise Regional (GEPAR/UFAL/CNPQ), felipegeoufal@hotmail.com.

Todo o conteúdo expresso neste artigo é de inteira responsabilidade dos seus autores.

Recebido em: 11 de novembro de 2018; Aceito em: 10 de fevereiro de 2019; publicado em 25 de 01 de 2019. Copyright© Autor, 2019.

RESUMO: Marcadas por um forte vínculo e identidades territoriais, as comunidades tradicionais de pescadores artesanais são construídas a partir de um conjunto de elementos místicos, que marcam a cultura nessas comunidades. Em Alagoas, situada à margem do maior açude do estado, encontra-se a comunidade de pescadores artesanais São Pedro, no município de Jaramataia, que é fruto de um hibridismo cultural que aconteceu após as estiagens que ocorreram entre as décadas de 1960 a 70 do século XX, e fizeram emergir das lânticas águas do Açude fortes tradições, como a festa em devoção a São Pedro. Frente a esse cenário, surgiram no território pesqueiro, práticas culturais que merecem ser destacadas no cenário alagoano, que é fruto do sentimento de devoção à divindade católica e a história de vida do santo pescador que se reflete como condição de existência na vida dos colonos. Assim, a presente pesquisa buscou analisar a festa de São Pedro, considerando o enlace indissociável entre fé, terra e água no território da comunidade de São Pedro, no semiárido alagoano. Para isso, tornou-se necessário ancorar esta pesquisa nos pressupostos teóricos e metodológicos da Geografia Cultural. Nosso olhar sobre a comunidade tradicional pesqueira encontra-se orientado pelo viés da pesquisa qualitativa, e tem como instrumental os trabalhos de campo, descrições, entrevistas semiestruturadas e revisão de literatura. A pesquisa qualitativa aqui pensada envolve vivências na comunidade à luz de uma aproximação com os sujeitos em estudo, assim, valorizando os modos de vida e de luta, de fé e de identidade no sertão de alagoano.

PALAVRAS CHAVE: Devoção, Identidades, Cultura.

ABSTRACT: Marked by a strong bond and territorial identities, traditional communities of artisanal fishermen are built from a set of mystical elements, which mark the culture in these communities. In Alagoas, located to the largest of the state, is a community of artisanal fishermen São Pedro, in the municipality of Jaramataia, which is the result of a cultural hybridism that happened from the striations that emerged around 1970, and emerge the lucid waters of Açude strong traditions, as a feast in devotion to São Pedro. Facing this scenario, land and housing lands appear, cultural workshops that deserve to be highlighted in the Alagoas scenery, which are the result of a sense of devotion to the Catholic deity and the history of the life of the holy fisherman. Thus, since it is considered a feast of São Pedro, considering that it is inseparable between land, water and water in any territory of the community of São Pedro, there is no Alagoas semi-arid. For this, it became applicable to research in the theoretical end methodological of Cultural Geography. The research is a qualitative research, has as instrumental the fieldwork, descriptions, interviews, semi-structured and literature review. The qualitative research considered here involves the experiences in the community in the light of an approximation with the subjects in studies, valuing the modes of life and struggle, no backlands of Alagoas.

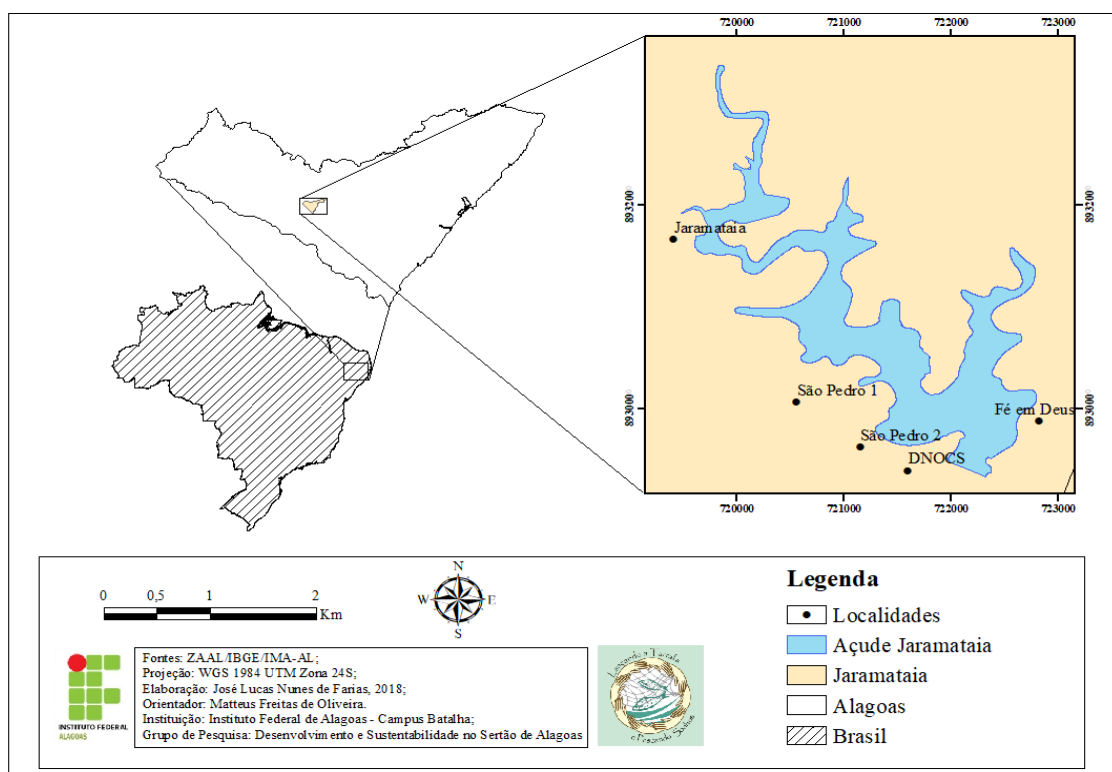
KEYWORD: Devotion, Identities, Culture.

PRIMEIRAS CONSIDERAÇÕES SOBRE FESTAS E TERRITÓRIOS

O presente artigo resulta das meditações teóricas e metodológicas realizadas no bojo de um projeto de Iniciação Científica em curso intitulado de “Povoado de São Pedro: acampados entre fé, terra e água no Sertão de Alagoas”, aprovado no ano de 2018/2019, junto ao Instituto Federal de Alagoas – IFAL/CNPQ/FAPEAL, no *campus* Batalha associado ao Grupo de Pesquisa Desenvolvimento e Sustentabilidade no Sertão de Alagoas.

Acampados entre fé, terra e água, os pescadores da comunidade tradicional pesqueira do Povoado de São Pedro anseiam por olhares culturais para as suas práticas no/e pelo território, uma vez que estão ancoradas nos fortes vínculos identitários. Assim, a Geografia Cultural ou Nova Geografia constitui uma possibilidade de abordagem para (re)pensar essa comunidade enquanto território que revela a cultura de um povo para além das concepções tradicionais sobre essa categoria geográfica.

Mapa 01: Localidades que constituem o Povoado São Pedro, Jaramataia-AL.



Fonte: Base Cartográfica do Zoneamento Agroecológico de Alagoas (ZAAL), 2012.

Elaboração: FARIAS, José Lucas Nunes de. 2018.

O povoado São Pedro, localizado no município de Jaramataia (Mapa 01), mostra-se enquanto território de vida, de luta, de identidades e de fé, revelando suas territorialidades mais íntimas que articulam a dialética terra e água durante a festa de São Pedro, no final do mês de junho de cada ano. Essa festa faz emergir, na tranquilidade do povoado, novos ritmos, que são marcados pela religiosidade popular, tendo no santo pescador a principal cosmoimagem de devoção e intenções territorializantes.

Observando o cartograma acima, o povoado São Pedro encontra-se localizado às margens do maior lago continental do estado de Alagoas, e constrói uma interação sistêmica entre os sujeitos da comunidade e o açude. O povoado São Pedro é constituído de três unidades habitacionais chamadas de São Pedro I, São Pedro II e São Pedro III, esta última também conhecida como DNOCS, e se espalham continuamente no berço das águas. No mapa 01, podemos perceber a distância da comunidade à área central do município de Jaramataia, além de percebermos a amplitude do açude. Para Oliveira *et al* (2017, p. 01-02):

[...] no domínio do Sertão em transição com o Agreste, encontra-se a Comunidade São Pedro às margens do maior lago continental do estado na [sub-bacia] do Traipu, conhecido como Açude de Jaramataia, criado pelo Departamento Nacional de Obras Contra a Seca – DNOCS, com início da obra no ano de 1962 e sua finalização em 1967, com capacidade de 19.000 m³ em 340 hectares. Considerando este panorama, as atividades tradicionais ligadas à água devem merecer destaque, já que o estado de Alagoas possui uma interação simbólica e sistêmica com os recursos hídricos.

Em Alagoas, ao longo dos anos, os estudos sobre a pesca artesanal, comunidades pesqueiras e suas práticas concentraram-se fortemente concentradas na região litorânea, entretanto, outros cenários e outros sujeitos têm sido revelados no interior do estado, fornecendo riquíssimas possibilidades de estudo para o entendimento de particularidades que subvertem escalas e espaços geográficos de análises tradicionalmente utilizadas em projetos de pesquisa. Frente a esse cenário, o presente artigo busca analisar a festa de São Pedro, considerando o enlace indissociável entre fé, terra e água no território da comunidade de São Pedro.

Para Bonnemaïson (2012, p. 293), a compreensão de território a partir da abordagem cultural deve compreender o território como revelador da cultura, assim, a comunidade em estudo apresenta-se enquanto território cultural rico em significados e representações, tendo na festa de São Pedro um momento de grande expressão da religiosidade popular e da fé ao santo pescador.

A partir da festa de São Pedro e suas geografias reveladas no bojo da comunidade pesqueira, analisamos um cenário geográfico cultural. Para isso, mergulhamos profundamente no território pesqueiro a partir das possibilidades da pesquisa qualitativa, visando vivenciar as singularidades da festa e compreendê-la a partir da cosmovisão dos pescadores, para isso foram realizados registros *in loco* durante todo o período da festa e posterior a essa, por meio de entrevistas semiestruturadas, registro fotográfico e descrições da festa.

Segundo Oliveira *et al* (2017), o povoado São Pedro congloera uma população de aproximadamente 800 habitantes, que tiram seu sustento das práticas ligadas à pesca artesanal e da agricultura de subsistência. Por essa razão, esses moradores transitam em terra e água para a sobrevivência, porém, o açude apresenta-se como elemento simbólico de maior representação da vida, haja vista que os pescadores estão ancorados na dinâmica das águas, que ultrapassa a materialidade e constitui uma simbologia mística na comunidade, tendo no santo padroeiro um representante de Deus na terra, a quem os pescadores recorrem em momento de aflição, principalmente nos períodos de grande estiagem.

A tríade fé, terra e água revela a imbricada associação de elementos territoriais que jamais podem ser considerados de maneira separada, seja por evidenciar a subjetividade mística da fé ou por articular uma teia de relações de poderes. Assim, desde sua gênese, ecoa na comunidade a devoção a São Pedro, que é calorosamente homenageado no calendário cristão dia 29 de junho de cada ano. Para Teixeira e Almeida (2014), o território constitui de um espaço de relações de indivíduos que se estabelece pelas relações de poderes, pertencimento e identidades, além disso, é onde as territorialidades são expressas, principalmente a partir da festa de São Pedro, objeto aqui em questão.

O presente estudo tenciona a Geografia alagoana, que ao longo do tempo negligenciou o desenvolvimento de trabalhos na esteira das novas temáticas da Geografia, no que se refere a análises sobre fenômenos culturais no espaço, inclusive de maneira interseccional articulando fé, identidades, racialidades, classes e sexualidades, por exemplo. Em virtude disso, buscamos apontar nosso olhar para essa comunidade e sua festa, já que ela apresenta-se carregada de particularidades a serem analisadas e estudadas, uma rica brecha de entrada de análises necessárias para essa Geografia que se coloca posicionada as temáticas marginalizadas.

Com a finalidade de contribuir com a Geografia Alagoana, a partir de um caminhar teórico e metodológico que permita a visualização de questões subjetivas no território, o trabalho traz mais que uma proposta, traz um verdadeiro desafio, como também uma chance para contribuir para novas pesquisas sobre o farto campo de análises que é o estudo das comunidades tradicionais alagoanas e suas culturas. Com essa pesquisa, pois, esperamos construir uma narrativa sobre a comunidade estudada, partindo das práticas e falas dos sujeitos estudados, que ao longo dos anos tiveram suas realidades colocadas à margem, não só do açude de Jaramataia, mas da sociedade alagoana e que abrem novas possibilidades de pesquisas e diálogos sem perder de vista a complexidade dessa territorialidade.

O CAMINHAR METODOLÓGICO DA PESQUISA

O caminhar metodológico ao encontro das comunidades pesqueiras exige dos pesquisadores grande atenção e afinidade com os sujeitos e o *locus* de estudo, haja vista que as práticas culturais das comunidades tradicionais são marcadas pelas proximidades entre seus participantes, que são da comunidade e conhecidos de outras localidades do entorno. Assim, qualquer pessoa que não seja do local ou ainda não tenha relações de amizade/parceria com os colonos, pode ser vistos como intrusos na trama das práticas culturais, que se desenrolam nesses territórios.

Por essa razão, ir a campo na busca da compreensão de elementos das comunidades tradicionais requer que os pesquisadores busquem, a todo o tempo, romper com as barreiras entre eles (pesquisadores), os sujeitos da pesquisa, à luz da confiança. E por vezes, nas primeiras incursões ao território nos sentimos verdadeiros invasores. Éramos os *Out siders*, aqueles que de fora reduziam o cotidiano que por estratégia se escondia do nosso olhar. A aproximação se deu em 2017 com os trabalhos desenvolvidos pelo grupo de pesquisa na vertente extencionista, que tentava sanar dificuldades sobre a articulação cooperativista dos pescadores. O caminhar nos permitiu o reconhecimento daqueles que deixaram de ser os “de fora” se agregando as agendas de luta do movimento social da comunidade.

Nesse sentido, a pesquisa qualitativa rompe com práticas de pesquisa pautadas no comportamento matemático e pragmático dos fenômenos, e valoriza a aproximação dos

pesquisadores com os sujeitos da pesquisa. Nesse tipo de abordagem, as informações precisam “[...]” ser percebidas sensorialmente pelo pesquisador e necessitam que o pesquisador esteja próximo do objeto [e sujeitos] de estudo e tenha sensibilidade no olhar para compreendê-lo” (ROCHA *et al*, 2017, p. 286, grifo nosso).

A pesquisa em questão envolveu vivências na comunidade tendo em vista aproximações com os pescadores e pescadoras, valorizando os modos de vida e as particularidades culturais deles. Nosso olhar sobre a comunidade tradicional pesqueira foi orientado a partir da geoetnografia, e teve como instrumental o trabalho de campo, descrições, fotografias, revisão de literatura e aplicação de questionários semiestruturados. Segundo Rocha *et al* (2017), as comunidades tradicionais têm ganhado destaque na geografia contemporânea, e a etnografia – que é um método antropológico de pesquisa –, tem se aproximado da geografia, entretanto, ganhando mais que uma nova nomenclatura, a geoetnografia, novos significados metodológicos de coleta de dados *in loco*.

A partir de Souza (2013), Rocha (2017) aponta que a geoetnografia “[...]” é a interação entre a geografia e a antropologia tendo como objetivo coletar dados qualitativos através da pesquisa de campo, principalmente, e das observações empíricas, pois assim o pesquisador está em contato direto com seu objeto de estudo”. Por estarmos trabalhando com uma comunidade tradicional, elencamos a geoetnografia como estratégia de investigação e aproximação com a comunidade estudada. Utilizando a geoetnografia, o pesquisador é capaz de:

[...] compreender a comunidade estando inserida nela, utilizando a percepção que os moradores [têm] de si, ouvindo suas histórias, presenciando as atividades desenvolvidas no cotidiano, percebendo suas culturas, conhecendo suas atividades diárias, notando o sentimento que possuem para com a comunidade e o que ela significa para os seus moradores [...]. (ROCHA *et al*, 2017, p. 286).

Além disso, a pesquisa geoetnográfica proporciona aproximações e elos de solidariedade entre os sujeitos da pesquisa e o pesquisador. Essa relação faz com que as barreiras entre eles sejam rompidas, criando uma atmosfera de confiança, entretanto, até que se alcance esse nível de intimidade, o pesquisador precisa criar mecanismos para aproximação.

Sendo assim, como o trabalho do pescador – que lança suas redes sobre as águas – é mediado pela paciência e pela situação estratégica do corpo associado aos saberes e

fazeres herdados socialmente, nosso trabalho também nasce com essa aproximação devido à participação geotnográfica na comunidade de São Pedro, em Jaramataia- AL. O desafio teórico e metodológico para compreender a representatividade da festa foi manter a aproximação entre a teoria e a empiria, valorizando os saberes e fazeres ancestrais, que fornecem a amalgama dessa territorialidade, tendo em vista que em uma análise qualitativa “[...] cabe ao pesquisador captar por meio da observação, análise e descrição o entendimento dos fenômenos” (DOURADO, 2014, p. 40).

A primeira fase da pesquisa constituiu de levantamento e análise bibliográfica sobre espaço e cultura na ciência geográfica, além de território e territorialidades. Para nortear o debate sobre territorialidade agregamos Bonnemaïson (2012), no que se refere a festas e suas espacialidades destacamos os trabalhos de Claval (2004) e Maia (2004).

Na segunda fase realizamos a etapa de coleta de campo, com caráter geotnográfico e exploratório, que ocorreu por meio da participação observante presencial tendo início com a primeira visita a festa da comunidade São Pedro no ano de 2017 – que constituiu um momento exploratório para traçar os objetivos da pesquisa, bem como compreender algumas singularidades da festa –, e outra pesquisa *in loco* entre os dias 27, 28, 29 de 2018, onde todas as atividades da festa foram acompanhadas e descritas em diário de campo.

A fim de estudar e compreender a religiosidade e a fé no santo padroeiro, expressa pelos pescadores artesanais na festa de São Pedro, essa pesquisa valorizou o uso de instrumentos como: entrevistas semiestruturadas, participações observantes e diário de campo. Tentando ao máximo não alterar a naturalidade dos processos sociais que se desdobraram diante de nossa presença.

A terceira etapa consistiu na transcrição e análise dos resultados obtidos em campo, realizadas com todo rigor e ética aos sujeitos da pesquisa, que unidas a revisões de literatura permitiram a escrita do presente artigo (na quarta etapa). Vale ressaltar que, inúmeras reuniões entre os pesquisadores foram realizadas, visando o planejamento e troca de experiência em pesquisa de campo, além de preparação dos roteiros de entrevista e de observação.

ENTRE FÉ, TERRA, ÁGUA NO POVOADO SÃO PEDRO

[...] 'Vou pescar', disse-lhes Simão Pedro. E eles disseram: "Nós vamos com você". Eles foram e entraram no barco [...]. (Bíblia Sagrada, João 21:3).

Muitas pesquisas sobre comunidades pesqueiras tratam sobre a dialética terra e água como componentes de suas territorialidades, Kuhn (2009). Reconhecemos que são muitos os elementos que demarcam e dão complexidade aos territórios dos pescadores artesanais, em especial a comunidade São Pedro, tratada aqui enquanto espaço de vida e práticas culturais.

Dentre as características estudadas por Oliveira *et al* (2017) destacamos a festa em louvor a São Pedro, que constitui uma dessas máximas de expressão simbólica no território, visto que, o santo padroeiro da comunidade, o Simão Pedro, era um pescador, convidado por Jesus Cristo a anunciar a boa nova, de acordo com a tradição cristã.

Esse jogo de imagens recria os sujeitos pescadores contemporâneos, denotando o território não apenas com o poder que é realizado a partir dos usos e ocupações, mas também com a religiosidade e a cultura, que gera o significante do *locus* de vivência em meio às relações construídas em fé, terra, água.

A devoção a São Pedro é extremamente visível na festa do padroeiro, pois é o momento de agradecimento pelas graças da vida e momento de pedir que o Açude encha. As vidas no território pesqueiro dependem da dinâmica das lânticas águas, pois: se o lago está seco, a comunidade sofre com a falta de peixes, que faz diminuir a geração de renda e, conseqüentemente afeta vida dos pescadores artesanais. Por essa razão, ser devoto ao santo padroeiro na comunidade é:

[...] *ter fé no santo, é você fazer a promessa e ter fé naquele santo que vai vim aquela promessa, aquela graça de Deus. Quando o açude tá seco nós pede a São Pedro pra mandar chuva e vamos se aguentando, quando pensar que não, chega o milagre, de repente essa açude aí enche, eu peço a ele pra nunca secar porque fica ruim de peixe.* (Entrevistado 02, pescador, 35 anos).

No ir e vir do cotidiano da comunidade pesqueira, diversas práticas para a manutenção das vidas no território são realizadas. A maioria da população se dedica ao trabalho da pesca, que é realizada no Açude local, ficando evidentes as relações dos moradores com a terra e água, conforme destaca Kuhn (2009), essa é a dialética que tange a existência da população. Além de ser a principal fonte de renda, o Açude é

tratado como algo poderoso e marcante, que transcende a perspectiva de espaço e se personifica, como relatado pela pescadora: “*Nosso pai é esse Açude aqui, esse açude aí é o pai da comunidade!*” (Entrevistada 01, dona de casa e pescadora).

Esses pescadores, artífices do dia-a-dia, mesmo que excluídos dos circuitos econômicos hegemônicos, planejam, mesmo que de forma desarticulada pelas lógicas capitalistas, o seu território de vida, entrelaçando afetividades socioespaciais, feixes culturais, relações de trabalho não capitalistas e outras tantas particularidades. Nessa trama territorial, notam-se diferentes estratégias de poderes e práticas sociais entre os agentes internos e externos discutidos por Oliveira *et al* (2017), que se especializam na cadeia produtiva.

Segundo Kuhn (2012), como a relação terra e água é a tônica da vida dos pescadores, podemos também afirmar que não existe a pesca sem que haja o uso também da terra, pois há uma estreita, e muito mais íntima, relação de interdependência, seja para desdobrar a cadeia produtiva ou até mesmo para as relações de moradia e vizinhança entre os colonos, além de que sobre essas esferas materializadas a fé é capaz de ressignificá-las transformando-as em espaços sagrados.

Além da dialética terra e água, um dos elementos centrais para compreensão da territorialidade da pesca do Povoado São Pedro é a religiosidade e suas expressões em terra e água, sejam nos dias comuns ou no período da efervescência cultural e religiosa, onde demonstrações de convivialidade são ritmadas em momentos fervorosos que emanam da religiosidade dos pescadores, destacando o aspecto fé como elemento de coesão que transforma a dialética numa tríade significativa e complexa que chamaremos de fé, terra e água.

O Açude e São Pedro faz reelaborar cosmogonias, que constituem os ritos e reelaboram as representações imagéticas sobre o santo, que para além da sua divindade é aquele que protege e manda o peixe para a comunidade (SILVA *et al*, 2017). A colônia, portanto, produz uma cosmolocalidade pelas vivências culturais que são simbólicas. Essas cosmolocalidades são espaços demarcados por elementos simbólicos, imateriais e espirituais que perpassam os campos territoriais e identitários designando o local de devoção e fé ao santo católico. A festa é o mais importante momento de agradecimento ao santo pescador, pois com o açude cheio, vem à fartura e melhores condições de vida. De acordo com o entrevistado 03:

[...] *nós não tinha terra, não tinha estudo, não tinha emprego, e aqui nós tem o açude... então nós se apegou ao açude que era pra dar uma força ao pescador, aí se agarremo ao açude... mas aí tem São Pedro pra dar uma força, aí se agarremo em São Pedro, então [a festa de São Pedro] foi uma forma da gente homenagear o santo pescador que quando foi chamado por Deus deixou a família lá e foi seguir a Deus [...].* (Entrevistado 03, pescador e artesão, 54 anos, grifo nosso).

A história litúrgica do santo pescador é um exemplo para aquelas vidas às margens do Açude, que têm suas práticas ressignificadas a partir da relação entre fé, terra e água. Como pode ser notado na fala do entrevistado 03, ele nada tinha antes de ter o encontro com o Açude e sua devoção ao santo pescador, por essa razão, ele se apega a fé e a São Pedro como forma de agradecimento pelo que tem, e para que o santo continue a interceder pelos pescadores artesanais.

O TRANSBORDAR DA FÉ NA FESTA DE SÃO PEDRO NO ANO DE 2018: PRIMEIRAS NOTAS

Na trama territorial do povoado São Pedro, foi possível perceber uma forte relação entre a teoria que respalda a temática e o objeto em estudo, assim, a festa em devoção a São Pedro apresenta-se enquanto fenômeno que age e muda a dinâmica no território a partir das suas territorialidades. No período da festa a comunidade muda sua dinâmica, é enfeitada, moradores regressam ao território e visitantes aparecem, tudo isso para homenagear o santo pescador, como pode ser notado nas falas dos pescadores e pescadoras.

Vem muita gente de fora, [a comunidade] fica mais animada com gente de fora. A arrumação é grande do povo viu? Vá pra missa amanhã que você vê a arrumação! [...] **As ruas são enfeitadas, as bandeirinhas, até as canoas são enfeitadas, pintadas as canoas, pintada a igreja, a igreja cheia de luz... A igreja tá bonita! Vem barraca, o povo daqui mesmo coloca barraca, já tem bem umas duas ou três preparadas pra noite. Ganha dinheiro porque já bota pra comer, quem vem de fora já compra, e é mais coisa de comida. A festa é animada, o povo é tudo esperando esse fim.** (Entrevistada 01, pescadora e dona de casa, 74 anos, grifo nosso).

Vem pessoas de fora. Essa veio de São Paulo [referindo-se a sobrinha], essa de São José da Tapera [outra pessoa da família], tudo família... pessoal que mora fora e tem família aqui, vem para aqui... quem conhece, quem já participou da festa todo ano vem. (Entrevistada 07, pescadora, 34 anos, grifo nosso).

[...] *o pessoal fica todo mundo alegre, chega gente de São José da Tapera, de todo canto dessas regiões aqui por perto vem tudo pra cá, porque a festa é boa, nunca teve violência nem nada, por isso que o pessoal vem. Esse ano vai ser mais melhor porque tem três bandinhas, as pessoas já tá sabendo aí sai convidando muita gente.* (Entrevistado 02, pescador, 35 anos).

Enquanto elemento de representatividade para os moradores da comunidade, a festa se distingue por um conjunto de jogos de imagens geradoras de cosmolocalidades territorializadas por meio da tradição, que é ritmada pela devoção ao santo padroeiro a partir da penitência e agradecimentos, além de ser um momento de encontros e reencontros entre os participantes da festa. As cosmolocalidades são aqui compreendidas enquanto elementos espirituais, simbólicos e imateriais presentes em campos territoriais e identitários (SILVA *et al*, 2017), que revelam os laços de afetividade e os vínculos dos sujeitos com o território pesqueiro.

A festa em devoção a São Pedro é pensada enquanto fenômeno de representatividade para os moradores da comunidade, e ritmada por um conjunto de elementos e de jogos de imagens que geram cosmolocalidades territorializadas por meio da tradição, comemoração, agradecimento, penitência, encontros e reencontros.

A festa analisada iniciou-se no dia 27 de Junho de 2018, na noite denominada noite dos jovens. As atrações estiveram concentradas em uma banda católica, foi um momento de oração e divertimento, onde além dos “jovens de São Pedro” fizeram-se presentes, jovens de outras comunidades, que presenciaram fazendo com que o território fosse marcado pelos encontros e o fortalecimento das relações sociais.

Conforme destaca Maia (2004), essa prática social possui uma relação dialética entre o sagrado e o profano, que por sua vez promove encontros, reencontros, fortalecimentos das práticas culturais, dos vínculos territoriais, afirmação de identidades territoriais, entre outros.

A festa, como estado de consciência, é um elemento da vida séria que combina em proporção desigual o sagrado e o profano e, como um rito, é um meio de reafirmação social periódica do grupo. Por isso nela se engendra um “estado de efervescência”, que propicia a aproximação dos indivíduos, e “excessos” [...]. Mas as festas populares, apesar ou em virtude da efervescência e dos excessos, reanimam o espírito do indivíduo para o labor do cotidiano [...]. (MAIA, 2004, p. 239).

Para Claval (2004, p. 27), a festa cria novas configurações onde ela acontece, fazendo romper as práticas cristalizadas da vida cotidiana, as obrigações dão lugar ao relaxamento, o cenário é transformado em um ambiente alegre, e as pessoas cantam,

dançam e soltam fogos de artifício. “Fazer a festa é consumir, beber, comer, faltar-se. O gasto não conta mais: o prazer de oferecer e compartilhar prevalece. A generosidade afirma-se. Por que não desperdiçar? Não é essa uma maneira de superar os pesares da vida habitual?” (CLAVAL, 2004, p. 28).

No segundo dia houve um predomínio de atividades de cunho profano que iniciaram já no horário da manhã com as corridas de pedestre, de jumento e competição de canoa, além de torneios de futsal feminino e masculino e no horário da noite. Após o ritual cristão realizado durante a noite do segundo dia, a festa profana estabeleceu outras lógicas ao território.

Dessa forma, vivenciar a festa abre um leque de possibilidades, que vai para além do sagrado, pois nem todos os participantes acompanham as atividades realizadas pela Igreja Católica e a imagem do sagrado se transforma numa imagem mais ampla associada às possibilidades que são oferecidas pelo profano. Alguns participantes da festa vivenciam apenas as atividades profanas criadas pela festa, já outros participam de todas as atividades. “*O que é mais interessante na festa... rapaz... tudo é bom n/é? Tanto é bom a banda [presente na noite profana], que nem é bom a procissão e a missa n/é?*” (Entrevistado 06, pescador/agricultor).

O terceiro dia foi todo voltado ao sagrado, logo pela manhã a igreja recebeu as últimas arrumações, os andores foram finalizados e a procissão se iniciou à tarde acompanhada pelos fiéis em direção ao Açude, realizando a procissão em terra e água com músicas em louvor a São Pedro e Nossa Senhora Aparecida, ambas imagens sagradas relacionadas à pesca além de serem imagens ligadas à água, demarcando um território muito importante de agradecimento e reafirmação da fé.

Vai pela aqui [pela caatinga], pra ir com as imagens pela canoa... vai ali pro beijo d'água, coloca na canoa, aí sai com meio mundo de canoa... pessoal de canoa, outros de pé... aí quando chega lá no sangrador, aí encosta, aí já vem já de pé, com as imagens naqueles andor rezando, soltando fogos, é bonito! Quanto mais a gente faz assim, mais melhor n/é? Agradecimento a Deus, aí todo ano a gente faz assim. (Entrevistado 06, pescador/agricultor).

A procissão começa por terra, sai da igreja e percorre o caminho estreito por dentro da caatinga, até chegar ao Açude, onde segue por água, passando por locais estratégicos de pesca e pelo sangrador, até chegar a terra. Todo o percurso da procissão foi marcado por cânticos e adoração, onde os fiéis louvaram como forma de agradecimento e pagaram suas promessas “[...] porque a fé da gente é de levar São Pedro

por terra e água, é um momento de agradecimento a São Pedro, porque tem que agradecer as bênçãos que ele dá a gente, pela fé que a gente tem nele a gente sempre alcança” (Entrevistada 07, pescadora, 34). Os territórios criados no momento da festa demonstram a grande importância que a mesma tem para a reafirmação da fé, cultura e dos vínculos de pertencimento da comunidade onde as divindades do catolicismo popular são as principais mediadoras.

A cada ano esses processos se cumprem e se metamorfoseiam, renovando a vida e enchendo a comunidade de alegria. A festa tem um poder eminente na comunidade e faz com que as pessoas se unam para a sua organização, dando uma nova dinâmica ao território. Nesse momento de efervescência cultural a comunidade fica mais colorida e enfeitada por bandeirolas, algumas pessoas que moram fora sempre voltam à comunidade, “[...] *é uma forma da gente se unir mais ainda, no período da festa a gente consegue se comunicar com mais facilidade, recebe gente de fora, a gente consegue se apresentar e receber as pessoas bem, pro pessoal sair daqui achando bonito [...]*” (Entrevistado 03, pescador e artesão, 54 anos), mas não são apenas as ruas que mudam, os moradores veem na festa possibilidades de socialização, fuga do cotidiano, logo, essa tem capacidade de mexer com as expectativas e sentimentos daqueles que participam “[...] *o pessoal fica todo mundo alegre, chega gente de São José da Tapera, de todo canto dessas regiões aqui por perto vem tudo pra cá, porque a festa é boa*” (Entrevistado 02, pescador, 43 anos).

A festa acaba no domingo a noite, após o cumprimento dos ritos religiosos e de outras atividades culturais, mas nasce a esperança que ela volte no próximo ano, pois a comunidade sente sede de viver e se energizar com os ritmos que são gerados pela festa.

Esse fenômeno faz com que o ser humano religioso crie um espaço sagrado, e fortaleça seu elo com Deus, “[*A festa*] *não pode acabar não, porque é uma forma da gente se organizar mesmo enquanto cristão, pra gente educar os nossos filhos, dar conselho... demonstrar a história [...]*” (Entrevistado 03, artesão, 54 anos) e “[...] *se acabar desanima o povoado*” (Entrevistado 05, pescador e gari, 40 anos). A festa de São Pedro, além de ser uma prática cultural da comunidade, tem um papel importante para a manutenção da cultura e fortalecimento dos laços de sociabilidade entre os moradores que unem-se em um verdadeiro movimento pela cultura e a continuidade das tradições da comunidade.

PARA NÃO CONCLUIR

A partir dessa pesquisa, pudemos considerar a festa em devoção a São Pedro como um fenômeno territorial e que possui representação para os moradores da comunidade, em especial para os devotos de São Pedro e Nossa Senhora Aparecida. A festa faz emergir no território do povoado São Pedro o tempo da devoção fervorosa e do agradecimento. Nesse viés, identificamos uma grande movimentação de pessoas em torno da Igreja Católica onde ocorre um conjunto de atividades em nome da religiosidade que se mostram tradicionais. As práticas realizadas nessa festa mostraram-nos como esse grupo cultural tem desempenhado suas territorialidades.

Contudo, a festa não possui excepcionalmente o sentido religioso, ela tem o outro lado, que é o profano, pois a festa não só desempenha o encontro com o sagrado, ela fomenta a descontração e o rompimento do ritmo monótono do cotidiano. Entre os elementos tradicionais da festa, pudemos notar a procissão como algo peculiar, sendo esta o elo onde a fé foi capaz de unir a dialética que envolve os sujeitos, o território e a pesca, isto é, as relações de terra e água. Para além disso, as missas, o leilão, a banda de pífanos, a procissão, as barracas de comidas e bebidas e os shows, fazem parte dos jogos complexos de imagens que geram as cosmolocalidades que enriquecem e reiteram essas territorialidades.

Para além de agregar valor cultural para as atividades locais, a festa de São Pedro se mostrou como elemento integrador, onde espaço, corpo, terra e água se unem e geram a coesão da existência dessa territorialidade, que para reivindicar o seu reconhecimento socioespacial, também se utiliza da festa para enriquecer suas coexistências plurilocalizadas, tanto em fé, em terra e em água. Essa tríade se potencializa na ressignificação espacial a partir da geração de cosmolocalidades misticamente dotadas de elementos da vida e do cotidiano pesqueiro. Entre barcos, oração e chão o território surge como unidade complexa reveladora da vida desses sujeitos.

Assim, com essa pesquisa, percebemos que a festa do padroeiro da comunidade, deve ser compreendida a partir da relação fé, terra e água para compreender o enlace entre o sagrado, o profano, a cultura, a representatividade, os vínculos territoriais, o fortalecimento das identidades e o poder, compreensão esta possibilitada pelo entendimento do conceito território, tão caro à ciência geográfica.

REFERÊNCIAS

1. BONNEMAISON, Joël. Viagem em torno do território. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). **Geografia Cultural: uma ontologia (I)**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012, p. 279-303. ISBN: 978-85-7511-252-6.
2. CLAVAL, Paul. A FESTA E A CIDADE. **CIDADES: Revista Científica / Grupo de Estudos Urbanos**, São Paulo, v. 8, n. 13, p. 27-42, 2004. ISSN: 1679-3625.
3. DOURADO, Auceia Matos. Caminhos e encontros com o território. In: VARGAS, Maria Augusta Mundim; DOURADO, Auceia Matos; SANTOS, Rodrigo Herles dos (Org.). **Práticas e vivências com a Geografia Cultural**. Aracaju: Edise - Editora Diário Oficial do Estado de Sergipe, 2015, v. único, p. 25-66. ISBN: 978-85-63318-42-8.
4. MAIA, Carlos Eduardo Santos. CIDADE E FESTA: OS EXCESSOS NAS PARADAS LGTB – REFLEXÕES A PARTIR DA REALIDADE GOIANIENSE. **CIDADES: Revista Científica / Grupo de Estudos Urbanos**, São Paulo, v. 8, n. 13, p. 233-261, 2004. ISSN: 16793625.
5. OLIVEIRA, Matteus Freitas de; NETTO, João Lúcio de Moraes Gomes; VIEIRA, Carlos Eduardo dos Santos. O SABER-FAZER E SER PESCADOR ARTESANAL: A produção territorial da Colônia São Pedro de Jaramataia – Alagoas. In: **ANAIS do VIII Simpósio Internacional de Geografia Agrária**, Curitiba/PA/Brasil 1 a 5 de Novembro de 2017.
6. ROCHA, Patrícia Quirino; SOUZA, Angela Fagna Gomes de; SANTOS, José Rodolfo da Silva; SILVA, Felipe Santos ; SOARES, Maria De Almeida ; SILVA, Ívia Rejane Ferreira. Uma análise da comunidade tradicional Alto dos Coelhos pelo método geotnográfico. **Diversitas Journal**, v. 2, p. 284-292, 2017.
7. SILVA, Mary Anne Vieira; D'ABADIA, Maria Idelma Vieira; CARVALHO, Eloane Aparecida Rodrigues; LÔBO, Aline Santana; VICENTE, Bruna Gabriela Corrêa; SANTOS, Marcos Antônio F. dos. **COSMOLOGIAS RELIGIOSAS E SUAS REPRESENTAÇÕES ESPACIAIS: AS COSMOLOCALIDADES SAGRADAS POR MEIO DAS NARRATIVAS ORAIS E LITERÁRIAS**. In: E-Book do VI Colóquio do NEER (Fortaleza-CE), realizado de 26 a 29 de novembro de 2016. Fortaleza, p. 529-544, 2017. ISBN: 978-85-5585-100-1.

Disponível em:

<http://www.lege.ufc.br/images/stories/arquivos/ebookneer_vfinal.pdf>.

Acesso em: 23 de setembro de 2018.

8. TEIXEIRA, Maisa França; ALMEIDA, Maria Geralda de. A catira e a produção de uma identidade territorial no estado de Goiás. In: MARQUES, Luana Moreira (Org.). **Geografias do Cerrado: Sociedade, Espaços e Tempo no Brasil Central**. Uberlândia: Edibrás, 2014, p. 217-241. ISBN: 978-85-67803-03-6.
9. KUHN, Ednizia Ribeiro Araújo. **Terra e água: Territórios dos Pescadores artesanais de São Francisco do Paraguaçu – Bahia**. 173f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2009.
10. ZONEAMENTO AGROECOLÓGICO DE ALAGOAS: ZAAL. **Base Cartográfica**, 2012.